REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA
VOLUME 20, 2023 PPGE/UNESA. RIO DE JANEIRO.

https://doi.org/10.5935/2238-1279.20230046

Afrocentricidade, redes docentes e pedagogias de (re) existências na Educação Básica

Afrocentricity, teaching networks and pedagogies of (re)existences in Basic Education

Afrocentricidad, redes docentes y pedagogías de (re)existencias en la Educación Básica

Taísa de Sousa Ferreira
Universidade do Estado da Bahia/
Prefeitura Municipal de Salvador
taisasferreira@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4540-7010

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios
Universidade do Estado da Bahia
jrios@uneb.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1827-3966

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar experiências pedagógicas afrocêntricas dos/as professores/as pretos/as sobre/com as políticas de conhecimento produzidas nos espaços coletivos e autônomos de formação. Especificamente buscamos dialogar sobre o movimento de formação produzido nas rodas/redes de docentes e suas contribuições na construção coletiva de saberes docentes. Ancorando-nos na pesquisa narrativa, foram documentadas experiências pedagógicas de professores (as) pretos (as) de diferentes lugares do Brasil como dispositivos de investigação e espaço de produção de sentidos e de práticas curriculares. A partir dos resultados da investigação-formação, os (as) professores (as) revelaram a emergência de um movimento de (re) conhecer-se, a medida que, por meio dos encontros e das partilhas de experiência, identificaram práticas (e angústias) em comum, narram sobre a potencialidade dos seus saberes pedagógicos e dos (as) seus pares, demonstrando que a construção coletiva de saberes e o compartilhamento de experiências constituem potencialidades pedagógicas fundamentais para o reconhecimento e consolidação de pedagogias de (re) existência na educação pública orientadas por práticas curriculares afrocêntricas.

Palavras-chave: Afrocentricidade. Pedagogias de (re) existência. Redes de Formação. Experiências Pedagógicas.Educação Básica.

ABSTRACT

This text aims to present the understanding of black teachers about the knowledge policies produced in teacher training networks and collectives, based on their narratives of Afrocentric pedagogical experiences. Anchoring ourselves in narrative research, pedagogical experiences of black teachers from different parts of Brazil were documented as research devices and a space for the production of meanings and curricular practices. From the results of the investigation-training, the teachers revealed the emergence of a movement of (re) knowing themselves, as, through meetings and sharing of experience, they identified practices (and anxieties) in common, narrate about the potential of their pedagogical knowledge and that of their peers, demonstrating that the collective construction of knowledge and the sharing of experiences constitute fundamental pedagogical potential for the recognition and consolidation of pedagogies of (re)existence in education oriented by Afrocentric curricular practices.

Keywords: Afrocentricity. Pedagogies of (re)existence. Training Networks. Pedagogical Experiences. Basic Education.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo presentar la comprensión de docentes negros sobre las políticas de conocimiento producidas en redes y colectivos de formación docente, a partir de sus narrativas de experiencias pedagógicas afrocéntricas. Anclándonos en la investigación narrativa, las experiencias pedagógicas de docentes negros de diferentes partes de Brasil fueron documentadas como dispositivos de investigación y un espacio para la producción de significados y prácticas curriculares. A partir de los resultados de la investigación-formación, los docentes revelaron el surgimiento de un movimiento de (re)conocerse a sí mismos, ya que, a través de encuentros y compartir experiencias, identificaron prácticas (y angustias) en común, narran sobre las potencialidades de su formación pedagógica. conocimiento y el de sus pares, demostrando que la construcción colectiva de saberes y el intercambio de experiencias constituyen potencialidades pedagógicas fundamentales para el reconocimiento y consolidación de pedagogías de (re)existencia en la educación orientadas por prácticas curriculares afrocéntricas.

Palabras clave: Afrocentrismo. Pedagogías de (re)existencia. Redes de Formación. Experiencias Pedagógicas. Educación Básica.

RÉSUMÉ

Ce texte vise à présenter la compréhension des enseignants noirs sur les politiques de connaissance produites dans les réseaux et collectifs de formation des enseignants, à partir de leurs récits d'expériences pédagogiques afrocentriques. En nous ancrant dans la recherche narrative, les expériences pédagogiques d'enseignants noirs de différentes régions du Brésil ont été documentées en tant que dispositifs de recherche et espace de production de sens et de pratiques curriculaires. A partir des résultats de l'enquête-formation, les enseignants ont révélé l'émergence d'un mouvement de (re)connaître eux-mêmes, car, à travers des rencontres et des partages d'expérience, ils ont identifié des pratiques (et des angoisses) en commun, narré le potentiel de leur pédagogie connaissances et celles de leurs pairs, démontrant que la construction collective des savoirs et le partage des expériences constituent un potentiel pédagogique fondamental pour la reconnaissance et la consolidation des pédagogies de (ré)existence dans une éducation orientée par des pratiques curriculaires afrocentriques.

Mots clés: Afrocentricité. Pédagogies de (ré)existence. Réseaux de formation. Expériences pédagogiques.Éducation de base.

Introdução

O sistema educativo brasileiro (e de outros lugares da diáspora) não prioriza a experiência dos diferentes grupos/povos para pensar a sua estruturação e, consequentemente, os modos de ensinar e aprender. Eles são, majoritariamente, orientados pelo paradigma eurocêntrico.

Apesar desse contexto, é crescente a conscientização de professores (as) pretos (as) sobre o legado africano e afrodiaspórico, o que culmina no exercício de contrapor e construir modelos educativos que se oponham ao historicamente instituído e, por conseguinte, na busca destes (as) por espaços coletivos e fortalecimento de redes de formação que aprofundam conhecimentos comunitários e ancestrais, visibilizando processos educativos centrados na experiência de vida de africanos (as) do continente e da diáspora.

Este artigo nasce de algumas experiências que mobilizamos como docentes - habitando a profissão a partir dos nossos pertencimentos - e como pesquisadoras integrantes do Grupo de Pesquisa DIVERSO, da Rede FORMAD - Rede Formação Docente: narrativas e experiências e da Rede Travesías del Sur.

O estudo faz parte de uma imersão inicial na Pesquisa em rede, intitulada *Redes de investigação docente na escola e na universidade: Processos de documentação narrativa de experiências pedagógicas inovadoras,* financiado pela Chamada CNPq nº 26/2021 que compõe nossos planos de trabalho vinculados ao doutorado sanduíche e pós-doutoramento realizado na Universidade de Buenos Aires. Assim como, faz parte da pesquisa de doutorado *Fios da docência: narrativas de experiências pedagógicas afrocêntricas na rede municipal de ensino de Salvador*[1], em andamento, realizada na Universidade do Estado da Bahia.

Nesse sentido, as discussões aqui tecidas se conectam ao movimento de construção de intercâmbios de saberes entre pares, os quais surgem das nossas inquietudes como professoras e pesquisadoras e, sobretudo, no encontro com a

[1] Estudo vinculado à pesquisa matricial Profissão docente na Educação Básica da Bahia, desenvolvida pelo grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica -DIVERSO, financiada pela Chamada Universal MCTI/CNPq nº 28/2018.

Afrocentricidade e com outros professores (as) que apostam em viver a docência por modos que "expressem formas outras de relacionar-se consigo e com os outros, frente demarcações socialmente estabelecidas" (FERREIRA, 2013, p.192) consequentemente com a sociedade em sua conexão com as questões étnico-raciais, os quais foram ampliados no contexto pandêmico.

Tais movimentos de intercâmbio de saberes e partilha de experiência iniciaram-se em cursos de extensão com foco no campo de estudos étnico-raciais e ganharam novos contornos com a instalação da pandemia em nossa vida diária, na medida em que viver em isolamento social gerou um fluxo interessante e ao mesmo tempo assustador de oportunidades de participação em eventos, lives, cursos.

Esta experiência formativa iniciou no cenário da pandemia com a criação da página no *Instagram* (Profa.Taisa Ferreira) onde, inicialmente, eram partilhadas fotos e vídeos de atividades desenvolvidas nas escolas da rede municipal de Salvador e, aos poucos, foi se constituindo em um espaço de compartilhamento de indicações de leituras literárias, reflexões sobre educação afrocêntrica, discussão sobre educação de crianças pretas (parental e escolar), divulgação de atividades, compartilhamento de projetos didáticos e orientações para práticas pedagógicas afrocêntricas em diferentes áreas do conhecimento, além da partilha de vivências sobre o cotidiano na construção de uma família preta.

Esse movimento não foi exclusivo desta experiência formativa, à medida em que, ao longo da pandemia, vimos muitos/as professores/as que se conectaram apesar do distanciamento social e que, aos poucos, foram constituindo espaços coletivos e autônomos de formação e de partilha. Nesse caso específico, os espaços coletivos foram se materializando por meio de duas ações: 1) a criação do Grupo do Telegram Mawakana Experiências Educativas Afrocêntricas - espaço de partilha de materiais, troca de experiências e diálogos; 2) criação de ciclos de estudos e partilhas chamados *Rodas de Conexão.*

Este artigo trata das (trans) formações em redes de formação vivenciadas nas Rodas de Conexão e baseou-se nas seguintes consignas: como os/as professores/as pretos/as compreendem a produção de políticas de conhecimento nas Rodas de Conexão? De que forma as Rodas de Conexão têm contribuído com os/as professores/as participantes? Assim, o objetivo deste artigo consiste em apresentar

experiências pedagógicas afrocêntricas dos/as professores/as pretos/as sobre/com as políticas de conhecimento produzidas nos espaços coletivos e autônomos de formação.

Especificamente buscamos identificar as experiências pedagógicas, refletir sobre o espaço formativo produzido nas rodas/coletivos docentes e as contribuições das discussões produzidas entre pares as práticas educativas.

Caminhos de sustentação ...

Historicamente, o sistema educativo construído sob os moldes eurocêntricos tem sido operado como espaço que proporciona, em muitas ocasiões, situações de violência simbólica, psicológica, intelectual, gerando fragilidades na aprendizagem e na percepção das próprias potencialidades, favorecendo a desigualdade e o racismo em suas diferentes nuances. Contudo, apesar desse cenário, os/as educadores/as têm sido provocados/as em suas interações com estudantes, famílias e colegas a produzir pedagogias orientadas a partir de pensamentos críticos e de construções coletivas que fomentam o protagonismo/agência dos sujeitos e tensionam as práticas historicamente instituídas. É importante situar que, ao falarmos de agência, estamos nos referindo ao conceito central do paradigma da Afrocentricidade que diz respeito à capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana [...] (ASANTE, 2009, p. 94).

Nesse sentido, assumir o papel de agente, considera o uso de um conjunto de dispositivos, para colocar-se na posição de protagonista e articulador de recursos para promoção de condições favoráveis para a população preta, diz respeito a olharmos para toda a ação que permeia a população africana diaspórica e continental - nos âmbitos político, econômico, bélico, social, cultural, artístico, educacional, espiritual, psicológico, epistemológico, considerando elaborações oriundas dessa mesma população, e utilizando recursos intelectuais e políticos para redefinição dos papéis dos povos, mulheres e homens africanos como protagonistas nos diversos processos de produção de conhecimento e participação na construção das civilizações humanas.

É nesse contexto, que emergem os espaços coletivos e autônomos de formação e partilhas. Aqui definimos tais espaços como iniciativas formativas entre professores (as) que se constituem coletivamente, entre pares, por meio de seus interesses em conhecer mais sobre determinados assuntos e, ao mesmo tempo, compartilhar suas experiências. Exemplos desse movimento, são os grupos e páginas em redes sociais *(Facebook, Whatsapp, Telegram, Instagram*, etc), os quais há alguns anos tem reunido profissionais que buscam fortalecer e transformar as pedagogias desenvolvidas em seus espaços de atuação, bem como os encontros de estudo ou de partilhas de experiências presenciais e/ou online - por meio de plataformas como *Google Classroom, Meet, Zoom,* - com perspectiva formativa e de ampliação das aprendizagens docentes..

Tais espaços não têm necessariamente vinculação a nenhuma instituição, grupo de pesquisa, nem implicam na emissão de certificados ou títulos, mas tem se apresentado como espaços muito produtivos para aprendizagens e compartilhamentos de saberes, angústias e fortalecimento entre profissionais da educação e famílias de diferentes lugares do país, constituindo redes de formação. Assim como, temos outras experiências em diálogo com a Universidade, em uma perspectiva de produção de conhecimento compartilhado, como é o caso do Coletivo Baiano de Professores/as Narradores/as[2].

O movimento de docentes, especialmente docentes pretos(as), orientado pela busca da produção de novas experiências, novos cenários formativos e de partilha, conecta-se com a própria materialização das pedagogias de (re) existências, que aqui são entendidas como um conjunto de práticas educativas, por meio das quais afirmam-se modos de habitar à docência e a escola, que assumem o desafio de reinventar as concepções, o cotidiano, os modos de ensinar e aprender, de olhar para os corpos e histórias que povoam a escola, de olhar para si mesmo, e de produzir novas narrativas.

Nunez e Rios (2021) salientam que estas pedagogias assumem que aprendizagem, (des)aprendizagem, (re)aprendizagem, reflexão e ação se iniciam

[2] Coletivo de investigação-formação na escola, criado em 2018, a partir do Projeto de extensão do Observatório da Profissão docente desenvolvido pelo Grupo DIVERSO, como parte da Pesquisa Profissão Docente na Educação Básica da Bahia, vinculado à Rede FORMAD — Rede de Formação docente: narrativas e experiências.

com oposição à condição de dominação e opressão colonial. Organizam e intervém coletivamente, na formação e ação política sobre as condições impostas pela colonialidade, transformando padrões de poder na sociedade.

Particularmente no contexto pandêmico, as iniciativas formativas entre professores/as encontraram terreno fecundo, tanto pela necessidade dos/as docentes reinventarem suas práticas pedagógicas em face do isolamento social e dos processos de ensino-aprendizagem mediados por tecnologias digitais, quanto pelas oportunidades de conexão que o ambiente de conectividade fomentou.

As Rodas de Conexão são fruto desse movimento e se caracterizam como encontros em que profissionais da educação integrantes do grupo Mawakana Experiências Educativas Afrocêntricas e demais interessados/as, se reúnem na plataforma digital *Google Meet* para discutir assuntos relacionados a docência em sua articulação com a afrocentricidade, compartilhar experiências, estratégias e práticas pedagógicas, partilhar angústias, desafios, motivações, vivências no contexto de família preta construídas em sua articulação com a Afrocentricidade, potencializando a produção de saberes coletivos teorias, autorias e práticas sobre a educação afrocêntrica. O grupo Mawakana se configura como um espaço coletivo de formação entre pares, criado em julho de 2021, como desdobramento do processo iniciado na página do *Instagram*, com propósito de compartilhar informações, experiências pedagógicas, recursos pedagógicos, bem como proporcionar oportunidades de debates e partilhas de novidades acerca da educação afrocêntrica.

Considerando que as *Rodas de Conexão* são orientadas a partir dos princípios da Afrocentricidade e da educação afrocêntrica como campos de possibilidades para reinvenção dos sentidos e das experiências que se fazem no interior da escola, na estruturação do currículo, nas práticas educativas e nos processos formativos, é pertinente situar que a Afrocentricidade configura-se como um paradigma sistematizado por Molefi Kete Asante na década de 80, que visa colocar as *agências, experiências e localização* das pessoas africanas (diaspóricas e continentais) na centralidade dos processos socioculturais.

Cabe destacar que, para a Afrocentricidade, um (a) africano (a) é uma pessoa preta que participou dos quinhentos anos de resistência à dominação europeia.

Asante (2009) fala dos (as) africanos (as) como indivíduos que sustentam o fato de seus ancestrais terem vindo da África para as Américas, o Caribe e outras partes do mundo durante os últimos quinhentos anos. Há uma conexão africana interna, assim como uma conexão externa. Os (as) que vivem hoje no continente constituem a conexão interna; os (as) que vivem fora dele, a conexão externa.

Nesse contexto, a Afrocentricidade não se propõe a ser uma versão negra do eurocentrismo (ASANTE, 2019), mas como ideia articula uma poderosa visão contra-hegemônica que questiona ideias epistemológicas que estão simplesmente enraizadas nas experiências culturais de uma Europa particularista e patriarcal. (ASANTE, 2016).

Essa é, portanto, uma abordagem que percebe os (as) africanos (as) como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos, contribuindo com o movimento de valorização epistêmica das experiências dos sujeitos.

Dessa forma, procura estabelecer "o lugar psicológico do povo africano na medida em que busca recuperar a originalidade epistêmica africana, apagada no decurso dos séculos pela ascensão da cosmopercepção ocidental eurocêntrica" (REIS E FERNANDES, 2018, p.109).

Por sua vez, a educação afrocêntrica é uma abordagem que partindo do paradigma da Afrocentricidade, pauta-se em preceitos culturais, históricos, experiências, valores, perspectivas africanas e afrodiaspóricos para resolver, orientar e entender o funcionamento humano em relação ao processo educativo (MADHUBUTI E MADHUBUTI, 1990), desse modo orienta-se para a promoção de contextos educativos em que pessoas pretas possa, aprender e entender a si mesmos e ao mundo, sendo estimulados em seu desenvolvimento, em suas aspirações educacionais, comunitárias, espirituais, e em seu engajamento cognitivo, e essa perspectiva parecia ser uma possibilidade para enfrentar a realidade de desigualdades e descentramentos encontradas em seus processos formativos.

Nesse sentido, de acordo com Nah Dove (2021) educadores/as afrocêntricos/as são aqueles que entendem ou estão no processo de tentar entender a história da África a partir de uma perspectiva afrocêntrica e colocar a África no centro da história da humanidade, contribuindo para o fortalecimento e

recentramento das pessoas pretas, ao tempo que contribui para que as pessoas não pretas consigam compreender e respeitar as diferentes formas de existências e os diferentes legados na estruturação das sociedades.

Caminhos que se fez...

O trabalho se orienta a partir da Afrocentricidade refletindo sobre movimentos circunscritos dentro de pedagogias de (re) existências por meio das narrativas de professores (as) pretos (as) atuantes na educação básica, conecta-se a uma perspectiva qualitativa de pesquisa e toma as narrativas de professores (as) pretos (as) de diferentes lugares do Brasil participantes das *Rodas de Conexão*, como dispositivos de investigação e espaço de produção de sentidos, inspirando-se no trabalho do dispositivo epistêmico-metodológico da Documentação Narrativa de experiências pedagógicas (SUÁREZ, 2007).

A Documentação Narrativa de experiências pedagógicas nos ajuda a ampliar a perspectiva do narrar o cotidiano das escolas a partir de um movimento horizontal que se fortalece nos coletivos docentes enredados rizomaticamente em suas ancestralidades e culturas afrocentradas. O dispositivo político-epistemo-metodológico nos mobilizou a pensar a circularidade do conhecimento e dos saberes ancestrais na produção de outras pedagogias que insurgem na escola.

Para fins de produção das narrativas de experiências foram considerados quinze documentos que emergiram dos encontros com narrativas de professores/as pretos/as das cinco regiões do país. A cada professor/a foram atribuídos nomes de cidades africanas, a fim de preservar sua verdadeira identidade. As narrativas dos/as professores/as aparecem no texto tanto a partir dos sentidos produzidos a partir de suas compreensões sobre as políticas de conhecimentos que emergem das Rodas de Conexão quanto em sua inteireza para demonstrar aspectos percebidos pelos/as participantes quanto a forma como esses espaços têm contribuído com sua formação e com seu exercício docente.

Narrativas de experiências pedagógicas afrocêntricas

Sinalizam Soares e Oliveira (2021) que as tecnologias digitais por meio das redes sociais tornaram mais acessíveis as trocas de experiências, que no ambiente presencial escolar, devido ao dinamismo e demandas, não era possível estabelecer com tanta incidência. Nesse sentido, argumentam a potencialidade e influência dessas na elaboração do planejamento, despertando a criatividade e sensibilidade do/a docente ao buscar compreender as necessidades e interesses do seu grupo, e ponderar se as práticas vistas nas mídias são úteis para a sua própria realidade.

Tal percepção pode ser vista nas narrativas dos/as professores/as participantes quando estes/as refletem sobre como as diferentes discussões contribuem para a construção coletiva de saberes e como o compartilhamento de experiências são percebidas como potencialidades pedagógicas fundamentais para seu fortalecimento e para aprendizagem de novas estratégias que contribuem para a consolidação de pedagogias de (re) existência na educação pública orientadas pela Afrocentricidade.

Entre os assuntos já discutidos nos encontros registram-se: ancestralidade como forma de pedagogia, construção de práticas pedagógicas afrocêntricas, organização do trabalho e do espaço pedagógico em perspectiva étnico-racial, criação de estratégias para potencializar a leitura em família a partir de perspectivas afrocêntricas, compartilhamento de experiências afrorreferenciadas construídas entre universidade e instituições de educação básica, desafios da docência preta em contextos educativos majoritariamente brancos, desafios das crianças e famílias pretas em contextos educativos majoritariamente brancos, construção de estratégias para fortalecimento da docência preta nos diferentes espaços educativos, culturas, histórias e valores civilizatórios africanos, currículo e práticas afrocêntricas na escola pública, formação docente e educação afrocêntrica. A pluralidade e entrelace de narrativas, de experiências e de partilhas têm sido uma característica constante nos encontros.

Cabe situar que os encontros tiveram como proposta uma mediação inicial tecida por um/a integrante compartilhando sua experiência pedagógica e/ou reflexão/ estudos realizados e os/as demais interagem, partilham suas experiências, apresentam dúvidas, estabelecem conexões. Os temas de cada encontro são escolhidos por meio de indicação dos/as integrantes do grupo quanto ao que

gostariam de partilhar ou quanto ao que gostariam de aprofundar em termos de aprendizagem, de modo que o/a integrante que tenha conhecimento acerca do assunto se oferece para realizar a mediação inicial. Tais combinados ocorrem dentro do grupo de comunicação instantânea Mawakana Experiências Educativas Afrocêntricas no aplicativo Telegram. Para fim de apresentação das experiências pedagógicas afrocêntricas construídas por meio das Rodas de Conexão escolhemos três encontros: Caminhos para a construção de práticas pedagógicas afrocêntricas; Compartilhando as experiências afrorreferenciadas em educação do projeto Afrocentrar Saúde/UNEB; e Recursos pedagógicos com foco no fortalecimento e na agência de pessoas pretas. Os encontros foram realizados em 2021 e 2022.

A Roda de Conexão "Caminhos para a construção de práticas pedagógicas afrocêntricas" teve como intenção compartilhar e mobilizar reflexões, experiências e ideias sobre estratégias para construção de práticas pedagógicas afrocêntricas. O encontro iniciou por meio da leitura de um provérbio do povo Haussa[3], que movimentou o grupo ao diálogo quanto a importância de estudar/conhecer a própria história. Em seguida, por meio do sentido da localização, o grupo se apresentou, situando suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais e os ventos que os/as levaram até a Roda.

Esse foi um momento em que as narrativas se entrelaçaram e os/as professores/as começaram a perceber como suas histórias de vida, formação e profissão estão conectadas. Percebemos um pouco sobre tais movimentos por meio da narrativa da professora Joanesburgo, residente na região Sul, e que atua com formação de professores/as para educação básica. Sua narrativa nos move em direção à reflexão da importância desse espaço quando destaca que "a possibilidade de ouvir diferentes experiências, de diversos locais do Brasil, nos fortalece! Mostra que as dificuldades, muitas vezes, são semelhantes e que podemos formar laços para a construção de ações e práticas diferenciadas".

Ao serem instigados/as a pensar sobre quais suas principais dificuldades e dúvidas em relação a construção de práticas pedagógicas afrocêntricas, se abriu espaço para reflexão quanto ao que exatamente é a educação afrocêntrica, quais as diferenças ou semelhanças em relação a outras abordagens que tem a questão

[3] Enquanto não houver leões historiadores, a glória da caça irá sempre para o caçador.

étnico-racial como campo de atuação (educação antirracista, educação afro-brasileira, educação decolonial, entre outras), refletiu-se sobre a educação afrocêntrica enquanto direito da pessoa preta ao seu passado, presente e futuro, ao mesmo tempo se construiu uma rede de palavras quanto as possibilidades de estratégias para o desenvolvimento do caminho de práticas pedagógicas que tenham a Afrocentricidade como ponto de partida.

Por fim, o grupo refletiu sobre os princípios do currículo afrocêntrico e sobre como organizar-se para estudar e planejar as aulas dentro de uma perspectiva afrocêntrica, estabelecendo como elementos: localização de referências, movimento de pesquisa, leitura e análise para compreender de forma aprofundada o pensamento afrocêntrica, aproximação com outros/as professores/as que se interessem pelo campo para conhecer suas experiências pedagógicas, observe as experiências e analisar como essas práticas podem se aproximar da própria realidade e como pode-se criar conexões e propor ações considerando o currículo, selecionando conteúdos com foco afrocêntrico para construir uma proposta pedagógica. Tal discussão desenvolveu-se por meio de um debate mais teórico acerca do assunto, entrelaçando as experiências realizadas em sala tanto pela mediadora quanto pelos/as demais professores/as para pensar as estratégias e potenciais pedagógicos vivenciados por cada um/a.

O encontro foi concluído mobilizando a compreensão de que o pensamento afrocêntrico propõe outra forma de compreender a realidade, a sociedade e a produção de conhecimento, de modo que desafia a educação a operar uma formação que se oponha ao currículo prescritivo, centralizador e distante da história daqueles/as que vivem e transformam a escola.

Corroborando com esse sentir, a professora Acra, residente na região Sudeste pontua que as discussões tecidas por meio dessa Roda contribuíram para a compreensão de que não estamos sós, salientando que “as construções se dão de forma muito rica quando nos reunimos com pessoas que têm olhares críticos e generosos”. Cairo, professora residente na região Sul do Brasil, destaca que as Rodas de Conexão mobilizam muitos sentimentos de “empolgação” pela possibilidade das trocas entre pessoas de diferentes localidades, e afirma que “com certeza me ajudarão a refletir em minhas práticas pedagógicas”.

Com a intenção de dialogar sobre experiências pedagógicas que articulam o ensino superior e a educação básica, a Roda de Conexão "Compartilhando as experiências afrorreferenciadas em educação do projeto Afrocentrar Saúde/UNEB" permitiu ao grupo conhecer diferentes iniciativas desenvolvidas pelos grupos de pesquisa Afrocentrar Saúde e Comunidades Virtuais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Por meio do sentido da localização, o grupo se apresentou, situando suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais e os ventos que os/as levaram até a Roda. Cada pessoa presente pode falar um pouco de si, das suas origens ancestrais, das motivações que os/as levou até a educação e até a roda. Esse foi um momento de narrar entrelaçado as imagens trazidas pela mediadora que anunciavam sobre sua autobiografia e nos conduzia a falar sobre a nossa.

Neste encontro, dialogamos sobre as possibilidades presentes na universidade para potencialização da formação e prática docente tanto no campo da saúde quanto no campo da educação em perspectiva afrocêntrica na educação básica e as contribuições da educação básica para a ação formativa da universidade, conhecemos recursos educativos produzidos entre os/as integrantes dos grupos de pesquisa que tem sua composição formada por estudantes da referida universidade e também professores/as da educação básica. Dialogamos sobre o potencial dos jogos africanos, sobre a potencialidade da educação afrorreferenciada na formação em saúde, bem como sobre a experiência de unir saúde e educação, e a produção de ações dos grupos Afrocentrar Saúde e Comunidades Virtuais: um livro[4] no campo da ciência da saúde em articulação com conhecimentos africanos e jogos / games em educação em saúde[5].

Por meio das experiências partilhadas, das narrativas apresentadas, dos olhares para o encontro entre ensino superior e educação básica foram sendo tecidos fios em que as práticas pedagógicas se encontravam, seja pela similaridade de experiências, seja pela possibilidade de encontrar potencial pedagógico com

[4] Livro Debate Contra colonial na formação em saúde: resgatando a ciência de Kemet, lançado em novembro de 2022, uma coletânea que discute o cuidado em saúde dentro de uma perspectiva étnico-racial , contribuindo para um movimento contra colonial na formação em saúde.

[5] Imuniza Game; Guerreiros de Saludis: ataque ao stress; Star: uma batalha pela saúde. Os jogos puderam ser conhecidos mais detalhadamente na I Mostra de Jogos e Saúde do Departamento de Ciências da Vida da UNEB, onde ocorreu uma exposição sobre jogos, inovação e educação em saúde.

sentido para a própria realidade. Desse modo, prestando atenção às nossas próprias histórias, as nossas formas de contar e sentir o que acontece nas nossas aulas, vamos nos encontrando enquanto protagonistas e enquanto produtores/as de conhecimento.

Por fim, a Roda de Conexão "Recursos pedagógicos com foco no fortalecimento e na agência de pessoas pretas" nos mobilizou a conhecer as experiências desenvolvidas na sala de aula do referido professor-mediador e na Amandla[6]. A Amandla é uma iniciativa que tem como foco de atuação a realização de encontros formativos, pesquisa histórica e cultural e produção de recursos pedagógicos afrocêntricos, que tem como objetivo fortalecer pessoas pretas por meio do reconhecimento histórico e cultural, impulsionando a agência coletiva e individual.

Tal como nos outros encontros, considerando nossa localização como sujeitos históricos, o grupo se apresentou, situando suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais e os ventos que os/as levaram até a Roda. Cada pessoa presente brindou o grupo com aspectos da sua autobiografia, articulando pontos de aproximação e de distanciamento, e como tais elementos estavam relacionados com suas experiências de existir na educação.

O encontro teceu um caminho que nos permitiu refletir sobre o conceito de agência vinculado a Afrocentricidade, ao passo que discutimos sobre nossas experiências em relação a materiais pedagógicos que tivessem a história e cultura africana como referência por meio de duas indagações: a) Com quais materiais que ajudam a aprender sobre nossa história você já teve contato? b) Qual o ponto de partida dos recursos pedagógicos direcionados a pessoas pretas que você conhece?

Tais indagações nos levaram a caminhos tanto de percepção de ecos, quanto de vazios, bem como de potencial crescimento. Cada experiência, cada narrativa, cada lugar de escuta, nos conduziu a conhecer a realidade de cada pessoa presente e acessar novos cenários em relação ao assunto em diálogo. Posteriormente, tecemos uma conversa sobre a Afrocentricidade enquanto paradigma e as características mínimas para a vivência e construção de ações a partir dessa perspectiva.

[6] Conheça mais em: www.amandlaafk.com

O encontro seguiu refletindo sobre as possibilidades de análise dos recursos pedagógicos considerando a metodologia de análise afrocêntrica como referência para pensar nossa ação educativa e nossos processos de planejamento. Pensar os materiais por meio de uma análise afrocêntrica em nossas salas de aula nos permite a possibilidade de ter pontos de partida que consideram os profundos legados dos povos africanos.

O mediador apresentou por meio das ideias de John Henrik Clarke, da linha do tempo da história Africana, e das ideias de Amos Wilson, a amplitude do legado africano em contraponto aos processos de invasão de outros povos, mobilizando ainda reflexões sobre a tradição acadêmica e intelectual dos povos africanos, assim como aspectos ligados aos conceitos de inteligência e desenvolvimento para sociedades africanas e para sociedades ocidentais.

Em seguida, discutimos sobre a potencialidade dos recursos pedagógicos afrocêntricos e ao mesmo sobre a importância da autoria, da agência e da autonomia na docência em perspectiva afrocêntrica e como esses aspectos fortalecem a aprendizagem dos/as estudantes e constituem um modo de ensinar outro. Partindo das narrativas de experiência do mediador, fomos entrelaçando nossas experiências para pensar sobre jogos e outros materiais que enriquecem as aulas e as aprendizagens sobre a história e cultura africana e afrodiaspórica.

Além do diálogo sobre nossas experiências em sala de aula, dialogamos sobre as narrativas acerca da iniciativa Amandla, coordenada por Jonathas, conhecendo detalhes sobre a organização dos encontros formativos, dos recursos pedagógicos produzidos em diferentes eixos, tais como: alfabetização, celebrações de base africana, arte visual, música, história e cultura africana, personalidades africanas, entre outros, além de conhecer algumas das pesquisas realizadas no campo da arte, psicologia africana, história, ancestralidade, valores civilizatórios africanos.

Por meio desse encontro tivemos uma oportunidade singular para refletir sobre a autoria e a agência que são tão importantes para aqueles/as que se interessam pela construção de uma docência ancorada na Afrocentricidade, ainda que não seja uma docência na sala de aula de uma escola, mas no próprio processo educativo junto a comunidade. Com a experiência uns dos outros nos mobilizamos a partilhar ações e possibilidades, que nos enriquecem como docentes.

Refletindo sobre a potencialidade das redes de formação e construção de pedagogias de (re) existência, a professora Kinshasa, que atua na região Nordeste, argumenta que sua participação em espaços coletivos de formação e compartilhamento de experiências está ligada a busca de ferramentas para ampliar o debate acerca da ancestralidade africana na sala de aula, e pontua que "com certeza essa atividades são muito frutíferas para pensar outros horizontes".

Por sua vez, a professora Joanesburgo afirma que os espaços coletivos/redes de formação, se configuram como excelentes oportunidades para trocas e partilhas, salientando ainda de que forma tais discussões serão incorporadas em seu cotidiano profissional "vou levar para minhas alunas tais reflexões (...). São potentes para pensarmos nossa ação docente e as possibilidades para e com as famílias". Nessa mesma linha, a professora Rabate, residente na região Centro-Oeste e atuante em uma secretaria de educação, afirma que os desdobramentos das discussões em seu cotidiano profissional servirão para que possa se "reaproximar da discussão e pensar formação continuada de professores da nossa rede", a professora destaca ainda que as discussões a motivaram começar a construir propostas que consideram as experiências conhecidas entre os pares e as culturas locais.

A professora Acra reflete que as discussões tecidas nos encontros ajudaram a manter acesa a esperança e a certeza quanto a possibilidade de fazer educação de forma contra-hegemônica, destacando que as trocas tanto contribuem para sua formação profissional enquanto professora e estudante de licenciatura quanto como mãe e cidadã "ao permitir a troca de experiências, olhares, ideias, estratégias e impressões".

Pensando em como enriquecer as suas práticas educativas, a professora Sumbe, residente na região Norte, aponta que participa das Rodas de Conexão por ter interesse em desenvolver atividades articulando os campos de conhecimento que compõem o corpo de discussão dos encontros, salienta ainda ao referir ao encontro em que discutiu-se sobre literatura, leitura e relação família e escola partindo de uma perspectiva afrocêntrica, quanto a potencialidade das trocas destacando que "ajudam na construção de sensibilidades, sobretudo na abordagem das famílias em relação por parte da escola".

No mesmo encontro, a professora Acra afirma que tais espaços se constituíram em "riquíssimas trocas guiadas pela perspectiva do respeito pelas infâncias, de ter o objetivo comprometido de trazer as crianças e suas famílias para a leitura tendo a humildade e a sensibilidade de criar estratégias que aproximem e considerem todas as partes envolvidas: as crianças, a equipe escolar e a família".

A identidade também é aspecto destacado pela professora Adis Abeba, residente na região Norte, ao apontar o que a motiva a estar nestes espaços, salienta "pela importância nos avanços e trocas enquanto educadora negra", ressalta ainda que os encontros a auxiliam a "compreender mais amplamente as possibilidades de práticas pedagógicas afrocêntricas, bem como refletir sobre princípios orientadores da educação afrocêntrica". Corrobora ainda com essa percepção a professora Maiduguri, residente na região Nordeste ao afirmar sua identidade e sua localização como aspectos importantes, a professora argumenta que sua participação é motivada "por ser professora da educação infantil, ser mulher preta, com estudantes majoritariamente pretos", e ao refletir sobre como tais conhecimentos reverberam em seu cotidiano profissional destaca que "me abriram os olhos para compreender melhor sobre a Afrocentricidade e ne oferece mais ideias para construção de caminhos didáticos na sala de aula".

Professor Durban, ao refletir sobre as diferentes discussões mobilizadas e as políticas de conhecimento produzidas nas Rodas de Conexão, afirma que os processos de compartilhamento "mostraram que estou no caminho, caminhando... ao mesmo tempo me possibilitaram refletir sobre a origem das experiências e ideias partilhadas: o que está por trás? De onde vem radicalmente esse potencial? ". Dentro dessa mesma discussão, a professora Kinshasa salienta "a certeza de que saber sobre ancestralidade negra salva e trata nossos fragmentos espirituais, mentais, físicos e sociais. Traz mais lucidez, criatividade e otimismo, ação e outra forma de reagir. Um baita abraço negro me foi dado com os processos formativos e de trocas". Ainda sobre essa dimensão "oportunizar o nosso fortalecimento mediante o racismo estrutural e institucional, assim como as trocas fornecem elementos para elaborar estratégias que estão para além do profissional" é a compreensão do professor Yaoundé, residente na região Norte quanto ao papel que os conhecimentos produzidos por meio dos encontros têm ocupado no seu cotidiano.

As reflexões dos professores e das professoras entrelaçando diferentes dimensões que emergem por meio de sua participação nas Rodas de Conexão nos conduzem a perceber que as pedagogias de (re) existências se anunciam visibilizando os modos de afirmação, de reconfiguração, de reconexão, de cuidado com outras formas possíveis de ser e estar na docência e na constituição de transformações nos processos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, tal como nos aponta Evaristo (2021, p.45):

> O que se percebe é que essas ações de (re) existência escapolem do que está previsto pelo poder mandatário. E são ações que precisam ser vistas, consideradas como fenômenos que interferem no entendimento da história, mesmo quando ignoradas pelo relato oficial. (...) Ações de (re) existência, mesmo que pensemos que são ações minúsculas, pois não conseguem atingir a estrutura da organização da sociedade, são fundamentais para a vida de sujeitos e comunidades subjugadas.

Tal sentido pode ser percebido nos fragmentos de narrativas dos/as professores/as. O professor Durban, ao refletir sobre a importância de um dos encontros, afirma que para ele "foi um momento importante de conexão, acolhimento e aprendizagem". A professora Tunis, residente na região Sudeste, salienta que "toda iniciativa em prol de uma educação preta e afrocentrada me interessa, fortalece estar em roda com irmãos e irmãs nessa construção". Por sua vez, a professora Alexandria, residente na região Sudeste, argumenta: "ações e reações! Precisamos desta troca potente, unir forças em prol do nosso povo, principalmente nossas crianças".

Tanto nos fragmentos de narrativas apresentadas, quanto nas narrativas em sua inteireza que não puderam ser trazidas dada a vastidão de material disponível, os/as docentes afirmam de maneira muito consistente a potencialidade das trocas propiciadas nos encontros. Ainda argumentando sobre a importância dos espaços coletivos e autônomos de formação, a professora Gizé, residente na região Nordeste, afirma que se configuram como "proposta relevante para ampliar os conhecimentos acerca da perspectiva afrocêntrica de ensino".

Os/as professores/as revelam por meio de suas reflexões a emergência de um movimento de (re) conhecer-se, a medida que, por meio dos encontros e das

partilhas de experiência, identificam práticas (e angústias) em comum, (re) conhecem a potencialidade dos seus saberes pedagógicos e dos seus pares, demonstram a curiosidade em conhecer outras realidades, em aprender e partilhar experiências e estratégias sobre conteúdos relacionados a história, cultura e produção científica africana e afrodiaspórica, como ressalta a professora Cairo "quero estar aqui pela vivência, para conhecer mais práticas educativas afrocêntricas, aprender mais sobre o meu povo e desse modo poder me desenvolver como educadora", nessa mesma linha a professora Gizé pontua "tenho muito interesse em aprender mais sobre a minha própria cultura e entender por meio das trocas como repassar aos meus alunos com propriedade".

Algumas professoras associam a possibilidade de construção de conhecimentos que permita enriquecer tanto sua prática como educadora nas instituições em que lecionam quanto sua vivência da maternidade de crianças pretas e no fortalecimento de comunidades de pessoas pretas, como destacado pela professora Zaria, residente na região Nordeste, que afirma "sou mãe e educadora e procuro formações que possam me auxiliar nas práticas educativas afrocentradas com as crianças em casa e na escola". Gizé pontua: "acredito que os conhecimentos e as experiências podem me ajudar nas minhas ações no ambiente escolar, bem como nas minhas ações em casa, com meu filho".

Emergem ainda das narrativas dos/as professores/as à disposição para construção de experiências pedagógicas orientadas pela educação afrocêntrica e motivadas pela vivência nos encontros, como por exemplo, a Professora Alexandria afirma "por acreditar na filosofia de Garvey de que nós pessoas pretas constituímos ou devemos nos constituir como um só povo com a perspectiva de um só destino, tenho grande interesse na construção de práticas pedagógicas afrocentradas e os encontros tem me ajudado a repensar a minha contribuição para um ensino de qualidade nas escolas da rede pública". E Zaria pontua que as discussões contribuíram para me encorajar a tirar alguns projetos do papel e agir com relação à participação das famílias. É preciso contar/visibilizar as nossas histórias pretas".

Assim, entre rodas e redes de docentes, a pedagogia afrocentrada foi se constituindo como parte da construção de autorias pedagógicas ao longo da formação.

Alinhaves

Nesta escrita partimos do entendimento de que a movimentação tecida por professores/as pretos/as para a produção de outras pedagogias e para a construção de espaços coletivos e autônomos de compartilhamentos de experiência é uma ação pedagógica de (re) existência. Deste modo, aqui foram colocadas em circulação fragmentos de narrativas de experiências pedagógicas afrocêntricas que professores/as pretos/as atuantes na educação básica produziram por meio de encontros realizados virtualmente, no contexto pandêmico.

Por meio das suas reflexões podemos perceber que as *Rodas de Conexão* foram concebidas como espaços que promovem a circulação de saberes e experiências inspiradas/orientadas pela educação afrocêntrica, sendo essa uma das grandes motivações que atravessam o conjunto de narrativas consideradas, seja pela carência na formação inicial, seja por questões ligadas à identidade, seja por comprometimento político, os/as docentes entendem como diferencial o eixo central que mobilizam os encontros.

Outro aspecto que se destaca diz respeito ao processo de fortalecimento, conexão, motivação e reconhecimento das próprias potencialidades ao encontrar-se com as narrativas e experiências dos seus pares por meio de uma rede formativa. A horizontalidade posta no processo de formação colaborativa faz com que os/as professores/as atuem com agência, reflitam sobre a própria docência e se proponham a construção de pedagogias de (re) existências alinhadas a afrocentricidade.

Uma dimensão também muito destacada é a potencialidade pedagógica da construção coletiva de saberes e da partilha de experiências por meio das redes de formação, e como essas contribuem para que os/as professores/as possam enriquecer as próprias ações em sala de aula e no cotidiano familiar. O movimento de escuta e de partilhar permite que os/as professores/as conheçam novos modos de ensinar e aprender, novos conteúdos e novas possibilidades.

Tal contexto nos acena para o fato de que como salientado por Evaristo (2021) quando as ações de (re) existência são repetidas e renovadas, além de se tornarem paradigmáticas e didáticas, processualmente permitem que os sujeitos e as coletividades envolvidas possam obter alguns resultados.

Nesse sentido, por meio das reflexões dos/as professores/as, percebemos que se configuram como narrativas de (re) existência, as quais amparadas em memórias e histórias possibilitam a construção de identidades culturais e políticas (PEREIRA, 2021), ousamos a dizer ainda, a construção de identidades de docências pretas que inspiradas pela Afrocentricidade buscam ressignificar a centralidade africana em suas vidas e em seus cotidianos profissionais.

Referências

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade***:* uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p.121-145.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. In: **Ensaios Filosóficos,** Volume XIV. Tradução: Renato Noguera, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. Dezembro/2016. p.09-18.

ASANTE, Molefi Kete. A ideia afrocêntrica em educação. Tradução de Ricardo Matheus Benedicto. In: **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação.** Número 31: mai.-out./2019, p. 136-148. Acesso em: 15.06.2022. Disponível em: https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28261

DOVE, Nah. **The afrocentric school** [a blueprint]. New York: Universal Write Publications LLC, 2021.

EVARISTO, Conceição. Narrativas de (re) existência. In: PEREIRA, Amilcar Araújo (org). **Narrativas de (re) existência:** antirracismo, história e educação. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2021, p.23-48.

FERREIRA, Taisa de Sousa. **Entre o real e o imaginário:** problematizando o currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia em relação a gênero e sexualidade. 2013. 319 f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Educação. Feira de Santana, 2013.

MADHUBUTI, Haki. MADHUBUTI, Safisha. Educação Afrocentrada: Seu valor, importância e necessidade no desenvolvimento de crianças negras. In: *Journal of Education*, Boston University, v. 172, n. 2, 1990. Traduzido por Roberta Maria Federico (2018) – CEFET/RJ.

NUNEZ, Joana Maria Leôncio. RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Pedagogias de (re)existências do movimento de mulheres negras na Bahia em tempos de pandemia. In: **ODEERE**, v. 6, n. 01, jan./jun., p. 287-310, 2021.

PEREIRA, Amilcar Araújo. Narrativas de (re) existência e educação antirracista. In: PEREIRA, Amilcar Araújo (org). **Narrativas de (re) existência:** antirracismo, história e educação. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2021, p.49-76.

REIS, Maurício de Novais. FERNANDES, Alexandre de Oliveira. AFROCENTRICIDADE: Identidade e centralidade africana. In: **ODEERE:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Volume 3, número 6, julho – dezembro de 2018. Acesso em: 15.06.2022. Disponível em: https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4302

SOARES, Diullia Graziela de Souza. OLIVEIRA, Leone Rangel Rosa de. TRANSFORMANDO OS COMPARTILHAMENTOS NAS REDES SOCIAIS EM INSPIRAÇÕES PEDAGÓGICAS. *In:* RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. NASCIMENTO, Leandro Gileno Militão (Orgs.) **Coletânea Profissão Docente na Educação Básica:** profissão docente e ensino remoto emergencial [recurso eletrônico] 1ªed. Curitiba: Brazil Publishing, v.06, 2021.p.143-151.

SUÁREZ, Daniel. Docentes, narrativa e investigación educativa - La documentación narrativa de las prácticas docentes y La indagación pedagógica Del mundo y las experiencias escolares. In: SVERDLICK, I. *et all*. In: **La investigación educativa***:* Una herramienta de conocimiento y de acción. Buenos Aires: Noveduc, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/3355641/Docentes_narrativa_e_investigaci%C3%B3n_educativa_La_documentaci%C3%B3n_narrativa_de_las_pr%C3%A1cticas_docentes_y_la_indagaci%C3%B3n_pedag%C3%B3gica_del_mundo_y_las_experiencias_ Acesso em: 08/11/2020.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Talita Cabral*

Submetido em 17/02/2023 **Aprovado em 31/10/2023**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)